

## Editorial

### 50 anos de oficialização da profissão: Um marco para pensar a história da Psicologia

Numa sociedade na qual a palavra escrita é modo habitual de divulgação dos conhecimentos produzidos, os periódicos científicos tornam-se ferramentas indispensáveis, pois possibilitam contato com novas propostas do pensar e, com isso, intensificam a produção de pesquisas e debates acadêmicos. Por isso, o estudo dos conteúdos dessas revistas ao longo dos tempos, é fonte preciosa de análise histórica. Ele nos informa acerca dos processos de construção dos saberes relativos àquela área e podemos articulá-los ao estudo dos contextos nos quais cada ideia foi desenvolvida. Passamos a vislumbrar referências, compreender estilos, conhecer métodos e dialogar com temáticas que, diacronicamente, pautaram a construção de um campo do conhecimento e influenciaram na legitimação das práticas a ele associadas. Desse modo, podemos associar um conhecimento do passado com devir traduzido em prospecções acerca da atividade científica e do saber que esperamos construir.

Desde o início da década de setenta a *Revista Psico* tem empreendido esforços em registrar e divulgar o conhecimento científico produzido em psicologia e áreas afins. Para tanto apresentou o resultado de pesquisas, editou ensaios, disponibilizou resenhas e, até, notícias sobre eventos da área eram divulgados nas primeiras edições, nos anos setenta.

Como um dos periódicos mais antigos do Brasil, a *Psico* acompanhou regularmente diferentes processos de construção e consolidação científica e profissional da área. Ao folhear as edições já veiculadas fica evidente a diversidade que tem caracterizado a ciência psicológica e a profissão que nela se apoia. São muitas as especificidades que caracterizam o grande número de trabalhos desenvolvidos e disponibilizados na Revista. A diversidade se expressa na variedade de temas, de apoios teóricos e de propostas que sugerem um contínuo e dinâmico processo dialógico. Nesse saber, ciência e profissão apontam desafios, tecem problematizações e formulam estratégias para produção de práticas atentas aos fenômenos contemporâneos.

Em função disso, quando celebramos 50 anos de oficialização da profissão de psicólogo no Brasil é relevante marcar esse fato com uma edição comemorativa, através da qual podemos propor que a fixação cronológica desse momento significativo seja acompanhada da leitura de textos que nos possibilitem associar experiências e expectativas dirigidas à psicologia

As experiências acolhem memórias, paisagens e protagonistas de diversos tempos. Sua narrativa é farta, seu enredo inclui avaliação dos efeitos e levam à produção de sentidos voltados para o futuro, ou seja, as expectativas. Assim, se articulam olhares sobre os fazeres construídos e os horizontes para os quais dirigimos nossos projetos de construção da área. Ocorrem, então, mecanismos apropriação da história, dos seus processos de construção e da transmissão de uma memória social (Ricoeur, 1985).

A historiografia das experiências brasileiras contemplam a produção de ideias psicológicas já no período Colonial. Tais ideias favoreciam os processos de expansão econômica e aculturação empreendidos pelos colonizadores portugueses. A historiografia sobre o tema destaca escritos sobre as emoções humanas, estudos relativos à educação e à aprendizagem de crianças e jovens, exames dos processos de adaptação ao trabalho, reflexões sobre as diferenças étnicas e indicações das técnicas de persuasão dos “selvagens” (Antunes, 2007; Massimi, 2001). Podemos citar como exemplo os escritos de Alexandre de Gusmão em 1685, de Angelo Ribeiro Sequeira em 1754 e de Francisco de Melo Franco, em 1794. Dentre os autores dedicados ao estudo das ideias psicológicas tem especial relevância o médico baiano Eduardo Ferreira França, com a obra *Investigações de Psicologia*, o mais antigo livro de psicologia publicado nas Américas. Nesse livro Ferreira França

abordou fenômenos relativos à consciência, à inteligência, aos instintos, à vontade e às influências do ambiente sobre o ser humano (Rocha, 2002). Também podemos citar os jesuítas, notadamente o Padre José de Anchieta, cujas cartas e sermões nos brindam com suas perspectivas da subjetividade dos índios daquele período no Brasil (Massimi, 2001).

Também no que diz respeito à propagação das ideias psicológicas, a vinda da Família Real para o Brasil foi vetor de intensificação. Mudanças políticas decorrentes desse acontecimento instituíram espaços de formalização desse saber. No decorrer do século XIX a instituição de hospitais, escolas normais, associações e a fundação de faculdades de Direito e Medicina trouxeram aos estudos no campo da Psicologia maior proximidade das noções de cientificidade e ampla conexão com as políticas de existência da época.

Entretanto, foi no século XX que a Psicologia brasileira assumiu lugar de maior destaque. Num século assolado por conflitos e mudanças radicais marcadas por duas guerras de proporção mundial, a Psicologia conquistou espaços de reconhecimento através de suas teorias, métodos e técnicas.

No Brasil estudiosos da área não mediam esforços para promover o reconhecimento social da área e sua decorrência, a emancipação da Psicologia como ciência e como prática. É o caso da instituição do primeiro laboratório de Psicologia brasileiro idealizado por Manoel Bonfim, em 1906 e da criação do Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP) no Rio de Janeiro, em 1947 (Jacó-Vilela, 2007) entre outros. No Rio Grande do Sul é marco desse processo, a instalação do Instituto de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em 1953 (Scarparo, 2011).

Assim, a oficialização da profissão, em 1962 foi o efeito de um intenso movimento que congregou interessados na área que acreditavam na instauração de um saber e de uma profissão que pudesse, efetivamente, contribuir com a construção de um mundo pautado por avanços na qualidade de vida para a humanidade. A partir de então, a Psicologia intensificou seus processos de consolidação e diversificou amplamente suas práticas. Somos hoje uma ciência que contempla a diversidade e, por isso, uma profissão com inúmeras interfaces.

Um simples e breve exame das edições da Revista Psico já pode atestar que diferentes teorias, posicionamentos epistemológicos e projetos políticos subsidiam os fazeres dos psicólogos e das psicólogas envolvidos com a construção dessa ciência e dessa profissão.

Em tempos nos quais se discute crises de valores e de referências, em que a urgência assola o dia a dia e impede, muitas vezes o pensamento profundo e o diálogo construtivo, as comemorações são modos de reviver de forma coletiva um acontecimento. Assim, ao rememorar trajetórias da Psicologia encontramos muitas histórias e caminhos trilhados. Todos eles nos desafiam a escrever mais histórias e a pensar na psicologia que queremos e nos valores que a justificam.

Helena Scarparo

## REFERÊNCIAS

- Antunes, M. (2007). *A Psicologia no Brasil*. São Paulo: EDUC.
- Massimi, M. (2001). A Psicologia dos Jesuítas: Uma contribuição à história das ideias psicológicas. *Psicol. Reflex. Crit.* [Online]. 14(3), 625-633. ISSN 0102-7972.
- Ricoeur, P. (1994). *Tempo e narrativa* (Vol. I). Campinas: Papirus.
- Rocha, N. M. D. (2002). A Psicologia oitocentista no acervo da Biblioteca Pública do Estado da Bahia: alguns exemplos. *Memorandum*, 3, 14-49. [Online]. <<http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos03/rocha01.htm>>. Retirado em: 19 out. 2012.
- Scarparo, H. (2011). Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. In Jacó-Vilela, A. (Org.). *Dicionário histórico de instituições de Psicologia no Brasil* (1ª ed.); (Vol. 1: pp. 209-211). Rio de Janeiro: Imago.